

**REVEL, JUDITH. MICHEL FOUCAULT: CONCEITOS
ESSENCIAIS. TRAD. MARIA DO ROSÁRIO
GREGOLIN, NILTON MILANEZ, CARLOS
PIOVESANI. SÃO CARLOS: CLARALUZ, 2005.**

Roberto Rafael Dias da Silva¹

As pesquisas no campo das ciências humanas que operam com os referenciais teóricos de Michel Foucault têm se multiplicado na contemporaneidade. Seja pela sua potencialidade analítica, seja pelos modos instigantes de operar nos espaços investigativos de nossos tempos, a produção deste filósofo traz inegáveis contribuições para estas ciências. Ao falar destas contribuições não as posiciono no sólido cenário das verdades instituídas incessantemente prescritas na ciência da Modernidade, pois na companhia de Foucault somos convidados a estabelecer um entendimento mais parcializado e ambivalente acerca das verdades produzidas, como o autor referia, *“a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”* (FOUCAULT, 2007, p.12).

No campo da História, mais especificamente, este reconhecimento da verdade como produto deste mundo e como tal perpassada por relações de poder tem catalisado importantes desafios às investigações. Não apenas pelas escolhas temáticas de caráter mais local e contingente, como também pela própria idéia de história aí concebida, com Foucault esta produção de saberes é deslocada de *História* (com inicial maiúscula, no singular e de caráter universal) para *histórias de*. Uma imagem produtiva desta concepção é a noção de trama, desenvolvida por Paul Veyne (1995). Conforme o historiador, a história é uma trama porque os fatos não existem isolados e por si mesmos, nem mesmo são determinados por algum motor ou sentido último. Os historiadores narram tramas que são sempre múltiplas, pois *“nenhum historiador descreve a totalidade deste campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte, nenhum destes caminhos é verdadeiro ou é a história”* (VEYNE, 1995, p.30).

¹ Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Talvez uma imagem aproximada a este entendimento da história enquanto trama esteja na idéia foucaultiana da atualidade. Neste conceito o filósofo rompeu com a imagem de história do século XIX, a qual era marcada por um tempo contínuo e teleologicamente dirigido. O conceito foucaultiano aproxima-se ainda daquilo que Nietzsche chamava de intempestivo, o irromper dos acontecimentos em sua singularidade, sem a necessidade de pensarmos causas, conseqüências, motores ou quaisquer estratégias que estariam perfazendo o movimento histórico. Os tempos contemporâneos estariam, provavelmente, bastante próximos da atualidade pensada por Foucault, um tempo de transitoriedades e ambivalências.

Para aqueles que operam analiticamente nestas paisagens fazendo a opção de moverem-se e serem movidos pelas problematizações foucaultianas, foi lançado recentemente um pequeno vocabulário de Foucault *"Michel Foucault: conceitos essenciais"*, escrito pela pesquisadora francesa Judith Revel, diretora da edição italiana dos *"Ditos e Escritos"* de Foucault. Este livro apresenta 33 verbetes extraídos da complexa obra deste filósofo:

[...] É um *vocabulário* que emerge freqüentemente a partir de práticas e que se propõe como gerador de práticas: isso ocorre porque um *arsenal conceitual*, é, literalmente (gostava de lembrar Foucault), uma "caixa de ferramentas" (REVEL, 2005, p.7).

Conceitos como acontecimento, arqueologia, biopolítica, controle, disciplina, episteme, genealogia, governamentalidade, história, poder, sexualidade, dentre outros, são apresentados nesta caixa de ferramentas. Cada um destes verbetes é examinado em três níveis: em um primeiro nível consta uma definição de base; no nível posterior é apresentada uma definição mais particularizada visibilizando possíveis desenvolvimentos do conceito na obra de Foucault; e em um terceiro nível a definição é ampliada e colocada em conexão com outros conceitos da teorização foucaultiana. Faz-se preciso enfatizar que os termos não são produzidos de forma fixa ou estável, mas como escreve a autora, *"os termos são, portanto, produzidos, fixados, depois reexaminados e abandonados, modificados ou ampliados num movimento contínuo de retomada e de deslocamento"* (idem, p.8).

Entretanto, a maior contribuição oferecida pelo vocabulário escrito por Judith Revel, não está apenas na apresentação desta caixa de ferramentas. Desde uma produtiva inspiração foucaultiana, a autora a cada termo procura problematizá-lo reconhecendo que a própria noção de filosofia não se encontra no campo de uma pesquisa metódica de solução, mas está em um outro registro. O nosso desafio, enquanto investigadores do campo histórico, passa apropriadamente por esta ação: **problematizar**, lembrando que isto passa por *"instaurar uma distância crítica, fazer jogar o 'desprendimento'"* (idem,

p.9). Talvez, com estas ferramentas conseguiremos desencadear outros sentidos para nossas investigações fazendo da história um campo de multiplicidades, foucaultianamente marcado pelas singularidades e pelas discontinuidades que dão cor e vida as tramas constituintes da contemporaneidade.

Por fim, aponto que a leitura de *“Michel Foucault: conceitos essenciais”* além de apresentar de forma produtiva e instigante a caixa de ferramentas foucaultianas, ela própria pode constituir-se como um importante auxílio para aqueles que se movem com este “arsenal conceitual”. O vocabulário faz-se recomendável não somente para os interessados nestas teorizações, mas, principalmente, para aqueles que tomam a história como objeto de suas investigações para traçar alguns provisórios entendimentos acerca das tramas instituintes da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Verdade e poder*. In: _____. *Microfísica do Poder*. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2007. p. 1-14

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 3ª ed. Brasília: Ed. Unb, 1995

Artigo recebido em 04/02/2008

Artigo aceito em 16/07/2008